

---

# ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL  
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

---

ARTIGO

## A filosofia primeira nos livros E e Λ da *Metafísica* de Aristóteles

First philosophy in Books E and Λ of Aristotle's *Metaphysics*

Renan Eduardo Stoll<sup>i</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9995-3228>

renanestoll@gmail.com

<sup>i</sup> Universidade Federal de Goiás – Goiânia – GO – Brasil

STOLL, R. E. (2025). A filosofia primeira nos livros E e Λ da *Metafísica* de Aristóteles. *Archai* 35, e03530.

**Resumo:** Neste artigo, analiso três condicionais que estão presentes nos Livros E e Λ da *Metafísica* de Aristóteles. Os condicionais do Livro E correspondem aos trechos 1026a10-13 e 1026a29-32, ao passo que o condicional do livro Λ corresponde ao trecho 1069a36-b2. Eu considero que o modo como interpretamos as implicações desses condicionais pode gerar uma tensão no que diz respeito à

natureza da filosofia primeira e seu objeto de estudo. A fim de dissipar essa possível tensão, sugiro que, para Aristóteles, o escopo da filosofia primeira não estaria restrito às coisas separadas e imóveis, e proponho, nessa perspectiva, dois modos pelos quais as substâncias sensíveis podem ser consideradas.

**Palavras-chave:** Aristóteles, metafísica, filosofia primeira, filosofia teórica.

**Abstract:** In this paper, I analyze three conditionals present in Books E and  $\Lambda$  of Aristotle's *Metaphysics*. The conditionals in Book E correspond to passages 1026a10-13 and 1026a29-32, while the conditional in  $\Lambda$  corresponds to passage 1069a36-b2. I consider that the way we interpret the implications of these conditionals may generate a tension regarding the nature of first philosophy and its subject. To dissipate this possible tension, I suggest that, for Aristotle, the scope of first philosophy would not be restricted to separate and immovable things, and I propose, from this perspective, two ways in which sensible substances can be considered.

**Keywords:** Aristotle, metaphysics, first philosophy, theoretical philosophy.

---

## Introdução

A ciência que Aristóteles denomina “filosofia primeira” é caracterizada de modo mais preciso no primeiro capítulo do livro E da *Metafísica*.<sup>1</sup> No contexto em questão, a filosofia primeira é

---

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de uma pesquisa iniciada durante o meu doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi posteriormente aprofundada no período em que fui pós-doutorando e pesquisador visitante na Universidade Federal de Goiás. Gostaria de agradecer, em especial, os comentários de Raphael Zillig, Wellington Damasceno de Almeida, Wolfgang Sattler e Vitor Bragança. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pelo apoio financeiro.

contrastada com as demais ciências teóricas, que são a física<sup>2</sup> e a matemática, de modo que há entre essas disciplinas uma hierarquia e, para cada uma, certo objeto de estudo. Aristóteles considera que, dentre as ciências em geral, há aquelas que são mais dignas de escolha, a saber, as ciências teóricas; e, dentre estas, há uma que é a mais digna de escolha: a filosofia primeira – também denominada “[filosofia] teológica” (1026a18-23). Na hierarquia das ciências teóricas, o posto de filosofia segunda cabe à física, ficando a matemática abaixo desta.

Essa hierarquia apresentada no livro E da *Metafísica* parece resultar dos objetos de estudo de cada ciência. A filosofia ou ciência<sup>3</sup> teológica é primeira porque ela se ocupa das coisas mais valiosas e divinas; a física fica com a segunda posição por se ocupar de coisas que envolvem matéria e são perecíveis; a matemática acaba por ocupar a última posição por tratar de coisas que, para Aristóteles, não são substâncias.<sup>4</sup> Na verdade, os objetos de cada uma das ciências teóricas são descritos, no livro E, a partir da perspectiva da separação e do movimento, de modo que a física trata de coisas não separadas<sup>5</sup> e não imóveis; dentre as matemáticas, algumas tratam de coisas imóveis e não separadas; e a filosofia primeira trata de coisas separadas e imóveis (1026a13-16).

Também em E1, Aristóteles apresenta dois condicionais que dizem respeito à filosofia primeira e seu objeto. Nos dois condicionais em questão (1026a10-13 e 1026a29-32), é considerado que, caso haja uma substância imóvel e imaterial, ela será objeto da filosofia primeira. Tais considerações, no entanto, podem entrar em tensão com o texto de *Metafísica* Λ, no qual Aristóteles novamente

---

<sup>2</sup> O termo “física” diz respeito ao estudo da *physis* como um todo, de modo a abarcar a totalidade das ciências naturais.

<sup>3</sup> No livro E da *Metafísica*, os termos “filosofia” e “ciência” são usados como sinônimos.

<sup>4</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o ponto, ver Mansion (2009).

<sup>5</sup> Leio ἀχώριστα, como consta nos códices. Para uma discussão, ver Décarie (1985) e Stoll (2022).

caracteriza os objetos da física e da filosofia primeira.<sup>6</sup> No contexto de  $\Lambda 1$  (1069a30-b2), Aristóteles afirma que são três as substâncias: a substância sensível, que é subdividida em sensível eterna e em sensível perecível, e a substância imóvel. As duas primeiras (a sensível eterna e a sensível perecível) competem à física, visto que elas envolvem movimento; a substância imóvel, por outro lado, compete à outra ciência – a filosofia primeira. Neste ponto, contudo, há uma ressalva: “se nenhum princípio lhes for comum”<sup>7</sup> (1069b1-2); isto é, se nenhum princípio for comum à substância imóvel e às sensíveis.

O modo como interpretamos as implicações dos condicionais de *Metafísica* E1 e o condicional de  $\Lambda 1$  pode instaurar uma tensão entre ambos os textos no que diz respeito à natureza da filosofia primeira e seu objeto de estudo, de modo que física e filosofia primeira não seriam separadas enquanto ciências distintas. Pretendo sugerir que essa tensão não se instaura se entendermos que o objeto da filosofia primeira, para Aristóteles, não está restrito à substância imóvel e se fizermos uma diferenciação no modo pelo qual tanto a física quanto a filosofia primeira tratam do ser e da substância.

Para isso, a primeira seção deste artigo é dedicada ao condicional de *Metafísica* E1, 1026a10-13. Na segunda seção, analiso outro condicional de E1, a saber, o que está presente em 1026a29-32. Na terceira seção, considero o condicional de  $\Lambda 1$ , 1069a36-b2, e a tensão que poderia ser sugerida através dos textos de E1 e  $\Lambda 1$ , bem como o modo de dissipar essa possível tensão. Na quarta seção, retorno ao texto de E1 para algumas considerações sobre o caráter universal da filosofia primeira. Por fim, apresento algumas considerações finais.

---

<sup>6</sup> Cabe observar que em *Metafísica*  $\Lambda 1$ , bem como em  $\Lambda$  como um todo, a expressão “filosofia primeira” não é usada. O texto aristotélico contém a expressão “outra [ciência]” (1069b1), o que, como deve ficar evidente, é uma referência a essa filosofia primeira de E1.

<sup>7</sup> As traduções dos textos de Aristóteles, salvo quando indicado, são de minha autoria.

## O condicional de *Metafísica* E1, 1026a10-13

Começemos por considerar o condicional de *Metafísica* E1, 1026a10-13. No contexto de E1, após argumentar que a física e a matemática são ciências teóricas, Aristóteles diz:

Se há algo eterno, imóvel e separado, é evidente que cabe a uma [ciência] teórica conhecê-lo; não, porém, à física (pois a física é a respeito de certas coisas móveis), nem à matemática, mas a uma [ciência] anterior a ambas. (1026a10-13)

Neste condicional, bem como no que será analisado na próxima seção, não há dificuldade em diferenciar seus elementos. Assim, entendo que o antecedente do condicional corresponda ao trecho “Se há algo eterno, imóvel e separado”, ao passo que o conseqüente corresponda ao restante do trecho anteriormente citado.

Destaco inicialmente alguns elementos que constituem o conseqüente do condicional e que indicam a natureza da ciência em questão, isto é, da filosofia primeira ou teológica. O conseqüente do condicional indica que a ciência que está sendo considerada é, ao lado da física e da matemática, uma ciência teórica. Em E1, como observa Ross (1997, I, p. 353), Aristóteles classifica as ciências em prática (πρακτική), produtiva (ποιητική) e teórica (θεωρητική), de modo que física, matemática e teológica caem sob este último grupo. Além disso, o conseqüente do condicional indica que a ciência considerada é anterior às outras ciências teóricas (física e matemática).

Este é o primeiro momento em que, no livro E da *Metafísica*, é destacada a anterioridade dessa ciência primeira em relação à física e à matemática. Ao que tudo indica, a anterioridade, aqui, deve-se à primazia do objeto de estudo da filosofia primeira. Com efeito, o trecho subsequente ao condicional – trecho que inicia em 1026a13 – apresenta, com a introdução da palavra “γάρ”, uma justificativa para tal anterioridade. Após o condicional de 1026a10-13, Aristóteles esclarece quais seriam os objetos de cada ciência teórica. A física, como é dito, tem como objeto as coisas não separadas e não imóveis. No que diz respeito à matemática, Aristóteles não parece querer se

comprometer com uma posição definitiva, visto que o ponto será elaborado nos livros finais da *Metafísica* (M e N). A questão sobre os objetos da matemática já havia sido mencionada em algumas linhas anteriores (1026a7-10), onde é afirmado que ainda não é evidente se ela trata de coisas imóveis e separadas, apenas que algumas matemáticas consideram coisas enquanto imóveis e enquanto separadas. Em 1026a14-15, no entanto, o filósofo considera que, no que concerne à matemática, algumas tratam de coisas imóveis, porém não separadas, mas envolvidas ou existentes na matéria. Na sequência (1026a15-16), fica estabelecido quais seriam os objetos da ciência primeira: as coisas separadas e imóveis.

O texto prossegue (1026a16-18) com a consideração de que “é necessário que todas as causas sejam eternas, mas sobretudo estas [ταῦτα]; pois elas [ταῦτα] são causas das coisas divinas que nos são manifestas”. As duas ocorrências da palavra “ταῦτα” em 1026a17 são, possivelmente, uma referência às coisas separadas e imóveis, anteriormente descritas como objeto da ciência primeira. Ao que tudo indica, as coisas divinas que nos são manifestas são os astros ou corpos celestes.<sup>8</sup> É possível que Aristóteles use o plural para descrever os objetos da ciência primeira – diferentemente de outros momentos do capítulo – por ter em mente, aqui, a pluralidade de motores imóveis considerada em *Metafísica* Λ8.

A consequência tirada por Aristóteles (1026a18-23) é a de que, estando as coisas assim dispostas, três são as filosofias teóricas. Ou seja, as antes mencionadas física e matemática precisam agora dividir o posto de ciências teóricas com a denominada “filosofia teológica”. Não apenas isso, no escalão das ciências teóricas, física e matemática são colocadas abaixo da filosofia teológica, visto que esta é dito ser a mais valiosa por tratar do gênero mais valioso. Disso, Aristóteles considera que, dentre as ciências, as mais dignas de escolha sejam as

---

<sup>8</sup> Cf. Ross (1997, I, p. 356); Berti (2012, p. 82-83).

teóricas, e que, dentre as teóricas, a mais digna de escolha seja a filosofia teológica.<sup>9</sup>

No que diz respeito, assim, ao consequente do condicional apresentado em 1026a10-13, temos as seguintes informações: a ciência que se ocupará do conhecimento desse algo eterno, imóvel e separado – caso ele exista – será uma ciência teórica que é anterior à física e à matemática. Além disso, sendo anterior, ela será também uma ciência distinta das mencionadas física e matemática. No decorrer do texto de *Metafísica* E1, como observado, vemos que essa ciência é a denominada “filosofia primeira” ou “[filosofia] teológica”, o que já seria suficiente para destacar seu caráter distinto das outras filosofias teóricas.

Convém agora fazer um comentário sobre o antecedente do condicional em E1, 1026a10-13. Como observei, o antecedente corresponde ao que traduzo por “Se há algo eterno, imóvel e separado” (1026a10-11). Parece importante destacar que o pronome “τι” (“algo”) da linha a10 remete à *substância* de natureza eterna, imóvel e separada. Isso é corroborado não apenas pelo contexto, como já observado, mas também pelo modo como Aristóteles reformula o conteúdo do condicional ao final do capítulo, a partir de 1026a27. Em 1026a27-28, bem como em 1026a29, o termo em questão está ligado ao substantivo “οὐσία”. No primeiro caso, essa οὐσία é dita ser outra que aquelas que se constituem por natureza (1026a27-28: εἰ μὲν οὖν μὴ ἔστι τις ἑτέρα οὐσία παρὰ τὰς φύσει συνεστηκυίας). Na ausência de tal substância, diz Aristóteles, a física é que ocupará o posto de ciência primeira. No segundo caso, essa οὐσία é dita ser aquela que é imóvel (1026a29: εἰ δ’ ἔστι τις οὐσία ἀκίνητος). Desse modo, podemos ficar mais seguros em assumir que, ao apresentar o antecedente do condicional em 1026a10-13, Aristóteles tivesse em mente o mesmo tipo de substância mencionada ao final do capítulo.

---

<sup>9</sup> Aristóteles claramente reconhece que a física seja a filosofia segunda. Isso fica evidente a partir do texto de *Metafísica* Z11 (1037a14-15), onde a física é identificada com a filosofia segunda, bem como a partir de Γ3 (1005b1-2), onde é dito que “também a física é uma sabedoria, mas não primeira”.

No que diz respeito a esse condicional (1026a10-13), parece não haver dúvidas de que possamos considerar seu antecedente como satisfeito. Isso é confirmado pelo próprio texto da *Metafísica*, no qual, no livro  $\Lambda$ , Aristóteles prova a existência de uma substância que tem as propriedades mencionadas (eternidade, imobilidade e separabilidade). Tal consideração não se segue diretamente do texto de *Metafísica*  $\Lambda 1$  (1069a30-b2), no qual a existência de uma substância imóvel é tomada como hipótese. Com efeito, após mencionar a existência das substâncias sensíveis, Aristóteles afirma que elas são reconhecidas por todos, citando como exemplo as plantas e os animais. Quando, porém, ele fala sobre a substância imóvel, os exemplos citados são hipóteses de Platão, Xenócrates e Espeusipo.<sup>10</sup>

O que mostra que o antecedente do primeiro condicional de E1 é satisfeito é, além da prova em si, a conclusão do argumento para a existência de uma substância de tal natureza: “É evidente, portanto, a partir do que foi dito, que há uma substância eterna, imóvel e separada das coisas sensíveis” (*Metaph.*  $\Lambda 7$ , 1073a3-5). Ora, nesse trecho de  $\Lambda 7$  são mencionadas as mesmas propriedades que constituem o antecedente do condicional de E1 (1026a10-13) – eternidade, imobilidade e separabilidade –, agora associados a uma οὐσία em particular, a saber, o primeiro motor imóvel.

O antecedente do condicional de E1, 1026a10-13, pode, então, ser considerado como satisfeito, o que implica que há uma ciência teórica anterior à matemática e à física, a saber, a filosofia primeira (ou filosofia teológica), que tem como objeto de estudo a substância eterna, imóvel e separada.

## O condicional de *Metafísica* E1, 1026a29-32

Passemos à análise de outro condicional apresentado por Aristóteles em E1. O trecho final do capítulo, entre 1026a23-32, visa responder a aporia sobre se a filosofia primeira é universal ou se, em

---

<sup>10</sup> Cf. Ross (1997, II, p. 350).



vez disso, ela é departamental – isto é, se a filosofia primeira, como astronomia e geometria no âmbito da matemática, trata de uma natureza ou gênero particular. É interessante observar primeiramente que, nesse trecho, Aristóteles parece totalmente ciente da dificuldade que sua concepção de filosofia primeira poderia levantar. Com efeito, o primeiro capítulo do livro E da *Metafísica* começa por delinear uma ciência do ser tal como a ciência apresentada no livro Γ da obra, a saber, uma ciência que trata universalmente a respeito do ser enquanto ser. No decorrer de E1, no entanto, essa ciência parece se confundir com a filosofia primeira, que teria como objeto a substância eterna, imóvel e separada. Não convém detalhar o problema no momento, mas cumpre destacar que o trecho final do capítulo é fundamental para a compreensão da resposta aristotélica a esse respeito. Farei algumas observações sobre o ponto na seção final deste artigo. Para o momento, apresento o trecho em sua totalidade e esclareço qual é o condicional de interesse para meu argumento:

Alguém poderia levantar a dificuldade sobre se a filosofia primeira é universal ou é a respeito de um gênero, isto é, alguma natureza única (pois não há um mesmo modo nem nas matemáticas, mas geometria e astronomia são a respeito de uma natureza, a [matemática] universal, por outro lado, é comum a todas). Pois bem, se não houver uma outra substância além das que se constituem por natureza, a física será ciência primeira; se, no entanto, houver uma substância imóvel, esta será anterior e [a ciência que dela se ocupa] será filosofia primeira, e universal desta forma, porque primeira; e caberá a ela teorizar a respeito do ser enquanto ser, tanto o que é quanto as coisas atribuídas a ele enquanto ser. (*Metaph.* E1, 1026a23-32)

Tomo a liberdade de desconsiderar, por enquanto, alguns dos elementos apresentados no trecho, visto que eles devem ser melhor elucidados após as considerações da próxima seção. Creio que seja relevante mencionar que, no trecho acima, são apresentados dois condicionais. O primeiro, presente entre a27-29, considera que, se não houver uma substância diferente das substâncias sensíveis, a física é que deverá ser a ciência primeira.

É curioso notar o cuidado de Aristóteles em não assumir, em *Metafísica* E1, a existência de uma substância imóvel. Das vezes em que no capítulo se considera a existência de tal substância, isso ocorre sob a forma de um condicional. A análise até aqui realizada mostra que Aristóteles reconhece a existência de uma substância eterna, imóvel e separada, de modo que a física não será, aos olhos do Estagirita, a ciência primeira. Em outras palavras, o antecedente desse condicional não é satisfeito. Não é disso que se segue, no entanto, que a física não seja a ciência primeira, mas das considerações posteriores presentes no trecho citado e no capítulo de E1 como um todo. De todo modo, esse primeiro condicional não contém uma relevância significativa para as presentes considerações.

É no trecho subsequente que reside o condicional que desejo considerar. Trata-se do trecho 1026a29-32. Nesse trecho, o que tomo como antecedente do condicional é “se houver uma substância imóvel”, e o que tomo como consequente é o trecho “esta será anterior e [a ciência que dela se ocupa] será filosofia primeira, e universal desta forma, porque primeira; e caberá a ela teorizar a respeito do ser enquanto ser, tanto o que é quanto as coisas atribuídas a ele enquanto ser”.

Uma primeira observação é minha opção por traduzir a palavra “αὔτη” da linha a30 não como complemento de “ciência”, mas como referência ao que está imediatamente anterior, a saber, “substância imóvel”.<sup>11</sup> Se tomarmos “αὔτη” como complemento de ciência, o resultado é o de que a ciência da substância imóvel é que será anterior. Isso, obviamente, não seria um erro, visto que Aristóteles destaca a anterioridade dessa ciência frente às demais ciências teóricas. Se, no entanto, tomarmos “αὔτη” como referência à substância imóvel, estaremos destacando a anterioridade dessa substância frente às substâncias sensíveis – um resultado que, como

---

<sup>11</sup> Esta opção é também compartilhada pelas traduções de Kirwan (1993) e Berti (2017). Ross (1997, I, p. 357), no entanto, comenta que a palavra “αὔτη” é uma referência à ciência que estuda a substância imóvel.

veremos nas seções seguintes, parece mais interessante para o objetivo aristotélico ao final de *Metafísica* E1.

Sabemos, pela análise do condicional em 1026a10-13, que o antecedente do condicional agora analisado (1026a29-32) também é satisfeito; ou seja, há uma substância imóvel. Sendo assim, teremos como consequência a anterioridade de tal substância imóvel em relação às substâncias sensíveis, bem como a anterioridade da ciência que dela se ocupa em relação às demais ciências teóricas – é a esta ciência, não à física, que caberá o título de “filosofia primeira”. Além disso, teremos também como consequência que a universalidade dessa filosofia primeira é devida justamente ao fato de ela ser primeira, e que essa filosofia primeira irá teorizar sobre o ser enquanto ser.

Como mencionado, voltarei a algumas dessas considerações na última seção deste artigo, visto que meu objetivo principal é mostrar que o modo como interpretamos as implicações dos condicionais de E1, juntamente com a implicação de um condicional de  $\Lambda$ 1, pode gerar uma tensão no que diz respeito à natureza da filosofia primeira aristotélica.

Até o momento, sabemos que o antecedente de ambos os condicionais considerados em E1 são satisfeitos. No que diz respeito ao primeiro condicional (1026a10-13), tínhamos como consequência a existência de uma ciência anterior à física e à matemática, uma ciência teológica que trata da substância eterna, imóvel e separada. Agora, com o segundo condicional (1026a29-32), temos novamente a consequência de anterioridade da filosofia primeira frente às demais ciências teóricas, com o acréscimo de outros detalhes: a anterioridade da substância da qual ela se ocupa, sua universalidade decorrente de sua primazia, bem como a consideração do ser enquanto ser em seu escopo.

Eis, portanto, algo em comum a esses dois condicionais: em ambos os casos, Aristóteles parece condicionar a existência de uma ciência teórica anterior à física e a matemática à existência de uma substância eterna, imóvel e separada. Havendo uma substância com

tais propriedades, como é o caso, física e matemática precisam então dividir seu posto de filosofias teóricas com uma ciência distinta que lhes é anterior, a filosofia primeira.

## **O condicional de *Metafísica* $\Lambda 1$ , 1069a36-b2, e a tensão entre os textos de E1 e $\Lambda 1$**

Passemos agora ao caso de *Metafísica*  $\Lambda$ . Em  $\Lambda 1$  (1069a30-b2), Aristóteles menciona que há três tipos de substância: a substância sensível, que é subdividida em sensível eterna e sensível perecível, e a substância imóvel. As substâncias sensíveis eternas são, por exemplo, os planetas; as sensíveis perecíveis são as substâncias sublunares, as quais, segundo Aristóteles, são reconhecidas por todos e dizem respeito a coisas como plantas e animais. Quanto à substância imóvel, os exemplos mencionados são hipóteses de Platão, Xenócrates e Espeusipo, dizendo respeito a coisas matemáticas e Formas.

Não fica claro se, ao mencionar que são três as substâncias, Aristóteles tem em mente, também, a substância imóvel cuja existência é provada no livro  $\Lambda$  da *Metafísica*. Parece plausível sugerir que sim, que já no início do livro  $\Lambda$  o Estagirita estaria antecipando aquele tipo de substância imóvel que será por ele reconhecida como “primeiro motor imóvel” e identificada, em  $\Lambda 7$ , com deus. O fato de tal substância não ter sido mencionada no primeiro capítulo de  $\Lambda$  pode ser facilmente explicado pela razão de que, até pelo menos a metade do livro, a necessidade de tal substância não havia sido considerada. Isso obviamente não exclui a possibilidade de que no trecho 1069a30-b2 o primeiro motor imóvel seja elencado juntamente com as hipóteses mencionadas – ou ao menos que as considerações ali apresentadas não se apliquem também, em alguma medida, ao primeiro motor imóvel. Com efeito, logo ao início de *Metafísica*  $\Lambda 6$  – ponto de partida para a prova do primeiro motor imóvel –, Aristóteles retoma, através do imperfeito “ἡσάν”, a divisão entre os três tipos de substância anunciados em  $\Lambda 1$ :

“dado que eram três as substâncias, duas naturais e uma imóvel [...]” (*Metaph.* Λ6, 1071b3-4).

De acordo com Aristóteles, os dois primeiros tipos de substância – a saber, a sensível eterna e a sensível perecível – são objeto de estudo da física, enquanto o terceiro tipo – a substância imóvel – é objeto de outra ciência. Essa distinção, contudo, é condicionada à não existência de um princípio comum às substâncias sensíveis e à substância imóvel:

Aquelas [as substâncias sensíveis] competem à física (pois implicam movimento), mas esta [a substância imóvel] compete a outra ciência, se nenhum princípio lhes for comum. (*Metaph.* Λ1, 1069a36-b2)

É importante levar em consideração a cláusula condicional “se nenhum princípio lhes for comum” (1069b1-2: εἰ μηδεμία αὐτοῖς ἀρχὴ κοινή).<sup>12</sup> De acordo com Frede (2000, p. 73), haveria evidência textual para que, no lugar de “εἰ”, lêssemos um “ἐπεὶ”. Isso é indicado pela paráfrase de Temístio, que teria entendido ou lido “ἐπεὶ”, bem como pelo lema de Averróis, que, de acordo com a tradução de Freudenthal, conteria “ἐπεὶ”. Nesse caso, em vez de deixar em aberto a questão sobre um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel, Aristóteles já estaria considerando que não há um princípio comum a tais substâncias.

Creio que uma razão relevante para não adotarmos a leitura de “ἐπεὶ” seja o fato de que nenhum dos manuscritos apresenta “ἐπεὶ” no lugar de “εἰ”. Editores como Bekker (1831), Bonitz (1848), Christ (1906), Ross (1997) e Jaeger (1957) também não consideram que devêssemos ler o texto de outro modo. Além disso, dado que uma das preocupações de Aristóteles no livro Λ da *Metafísica* é investigar em que medida os princípios de todas as coisas são os mesmos ou não, parece fazer mais sentido que, ao início de Λ, a questão sobre um princípio comum às substâncias esteja, ainda, em aberto.

---

<sup>12</sup> Λεῖο κοινή, seguindo Ross (1997) e Jaeger (1957). Para uma discussão mais detalhada, ver Frede (2000, p. 74).

Seguindo a sugestão de Michel Crubellier a Frede (2000, p. 77), o que é também aceito por Menn (IIIβ1, p. 17), o condicional em questão (1069a36-b2) parece ter a seguinte estrutura: o antecedente corresponde a “se não houver um princípio comum às substâncias sensíveis e à substância imóvel”, ao passo que o conseqüente corresponde a “as substâncias sensíveis competem à física e a substância imóvel compete a outra ciência”.

A expressão “outra ciência” é, ao que tudo indica – sobretudo pelo texto de *Metafísica* E1 –, uma referência à filosofia primeira. Desse modo, a distinção entre a filosofia primeira (ou filosofia teológica) e a filosofia segunda (ou física) está condicionada à não existência de um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel. Aristóteles parece sugerir que a substância imóvel e as substâncias sensíveis seriam objeto de ciências distintas somente se não houver um princípio comum a elas, de modo que, não havendo um princípio que lhes seja comum, as substâncias sensíveis seriam objeto de estudo da física e a substância imóvel seria objeto de estudo da filosofia primeira. No entanto, se o condicional não for satisfeito, ou seja, caso haja um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel, o texto de Aristóteles sugere que há uma ciência única que abarca tanto a substância imóvel quanto as substâncias sensíveis. Dado que a física é a única ciência de fato nomeada no trecho em questão (1069a36-b2), isso poderia abrir caminho para a interpretação de que essa ciência única seja a física. Nesse caso, a física trataria de todos os tipos de substância – das sensíveis (eternas e perecíveis) e da imóvel. Essa implicação, porém, como observarei na sequência, geraria uma tensão entre os textos de *Metafísica* E1 e Λ1.

Cabe mencionar que o esforço de Aristóteles no livro Λ indica que há um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel, e que esse princípio é o primeiro motor imóvel,<sup>13</sup> do qual dependem o céu e a natureza.<sup>14</sup> Sendo esse o caso, portanto, o condicional não

---

<sup>13</sup> Cf. Zingano (2013, p. 243), Frede (2000, p. 74-76) e Menn (IIIβ1, p. 17).

<sup>14</sup> *Metaph.* Λ7, 1072b13-14.

estaria satisfeito, de modo que a mesma ciência estudaria tanto as substâncias sensíveis quanto a substância imóvel. Se essa ciência for a física, isso sugere, *prima facie*, que filosofia primeira e física não seriam separadas enquanto ciências distintas, o que evidenciaria uma tensão entre os textos de *Metafísica* E1 e  $\Lambda$ 1.

Para esclarecer o ponto, nos condicionais de E1 (tanto em 1026a10-13 quanto em 1026a29-32), Aristóteles afirma que, se houver uma substância imóvel, a ciência que a tem como objeto será uma ciência teórica anterior à matemática e à física – a saber, a filosofia primeira. Isso indica que, havendo uma substância imóvel, como parece ser o caso, a filosofia primeira (ou a filosofia teológica) seria distinta da física, o que conflita com a consideração anterior sobre o condicional de  $\Lambda$ 1 (1069a36-b2). Com isso, de acordo com E1, a filosofia primeira seria distinta da física; mas, de acordo com  $\Lambda$ 1, filosofia primeira e física não seriam distintas.

A partir do condicional em questão ( $\Lambda$ 1, 1069a36-b2), no entanto, não se segue necessariamente que, havendo um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel, a ciência que as consideraria seja a física. É possível levantar a hipótese de que a ciência que abarca tanto as substâncias sensíveis quanto a imóvel seja essa “outra ciência” mencionada no trecho. Sendo esse o caso, não surgiria uma tensão entre os textos de E1 e  $\Lambda$ 1. Parece muito provável que Aristóteles tenha em mente, de fato, a concepção de uma única ciência, a qual, segundo Frede (2000) poderíamos chamar de “metafísica”, de modo que essa ciência lidaria tanto com as substâncias sensíveis quanto com a substância imóvel.

A mesma posição é sugerida por Stephen Menn, que observa que, caso haja um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel – isto é, na medida em que tais substâncias procedam de um mesmo princípio ( $\alpha\rho\chi\acute{\eta}$ ) –, a ciência que é conhecedora desse princípio considerará tanto as substâncias sensíveis quanto a imóvel. Dado, porém, que tal princípio seria de natureza não física, a implicação não seria a de que a física é a ciência que trata da substância imóvel, mas sim a de que “[...] as οὐσίαι sensíveis (que são certamente tratadas pela física) são também tratadas pela metafísica na medida em que

há uma cadeia causal a partir delas até um ἀρχή não físico”<sup>15</sup> (Menn, IIIβ1, p. 17).

Pretendo, no entanto, ir além das posições de Frede e Menn e sugerir que a natureza dessa ciência denominada “metafísica” – ou, como prefiro, “filosofia primeira” – envolve uma distinção de dois modos pelos quais podemos dizer que a substância sensível pode ser considerada. Isso, creio, mostra como a física permaneceria distinta da filosofia primeira, bem como a substância imóvel continuaria sendo objeto de estudo dessa filosofia teológica.

Frede chama a atenção para o fato de que a sentença “mas esta [a substância imóvel] é objeto de outra ciência”<sup>16</sup> (1069b1) é ambígua:

Ela pode significar que a disciplina que lida com a substância imóvel não será a física, mas pode também significar que a disciplina que lida com a substância imóvel não será a disciplina ou uma disciplina que lida com a substância sensível, que ela será diferente de qualquer disciplina que lide com a substância sensível como tal. Parece ser a última conclusão que seria justificada, e não a primeira. Então, se a condição não é satisfeita, isso deixa em aberto a possibilidade para que haja uma disciplina que não seja a física que estude tanto a substância sensível quanto a substância imóvel. (Frede, 2000, p. 76-77)

A sugestão de Frede é que, como substâncias sensíveis e a imóvel têm um princípio em comum, uma ciência chamada “metafísica” lidaria com as substâncias sensíveis e com as substâncias imóveis. Creio que seja possível destacar uma evidência que corrobora a interpretação de Frede. Essa evidência pode ser encontrada em *Metafísica* Z11, onde Aristóteles afirma:

Se existe, além da matéria de tais substâncias, alguma outra substância, e se devemos procurar outra substância além dessas, por exemplo, números ou algo

---

<sup>15</sup> O que Menn chama de “metafísica” é o que eu, neste texto, chamo de “filosofia primeira”.

<sup>16</sup> No texto de Frede (2000, p. 76), temos a seguinte tradução: “but this kind of substance is the subject of a different discipline”.



desse tipo, deve ser considerado depois; pois é em vista disso que nós estamos tentando determinar a natureza das substâncias sensíveis, visto que, em um sentido, a investigação sobre substâncias sensíveis é tarefa da física, isto é, da filosofia segunda.<sup>17</sup> (*Metaph.* Z11, 1037a10-16)

Esse texto de Z11 é também mencionado por Menn para reforçar o ponto de que as substâncias sensíveis seriam objeto da filosofia primeira apenas na medida em que essas substâncias nos mostram o caminho em direção aos princípios não sensíveis.

Acredito que a passagem de Z11 nos permita ir além dessas considerações, e que ela indique que a substância sensível pode ser considerada de dois modos. É possível sugerir que a expressão *em um sentido* faça referência ao que nós normalmente vemos como sendo a descrição do objeto de estudo da física: seres não enquanto seres, mas enquanto dotados de movimento.<sup>18</sup> Neste caso, quando consideradas enquanto dotadas de movimento, as substâncias sensíveis cairiam sob o domínio da física. Aristóteles pode estar sugerindo que, de outro modo, ou *em outro sentido*, pode-se considerar as substâncias sensíveis enquanto seres. Neste caso, quando consideradas enquanto seres, as substâncias sensíveis cairiam sob o domínio da filosofia primeira, não da física. Assim, seriam objeto de estudo da filosofia primeira tanto a substância imóvel quanto as substâncias sensíveis – estas últimas, porém, quando consideradas enquanto seres. Desse modo, as duas disciplinas – física e filosofia primeira – permaneceriam distintas, e a filosofia primeira teria em seu escopo, de certo modo, os três tipos de substância anunciados em Λ1 (1069a30-b2).

Essa distinção que introduzo parece dar conta de explicar, além disso, o fato de Aristóteles não deixar de mencionar, no texto da *Física* e em outras obras de física ou ciência natural – ainda que brevemente em alguns casos –, a substância divina que é o primeiro

---

<sup>17</sup> Tradução realizada a partir da tradução de Ross.

<sup>18</sup> Cf. *Cael.* 308a1-2; *De an.* 403b12-18; *Metaph.* 1025b19-21, 1026a13, 1059b17-18, 1061b6, 1061b27-33, 1064a15-16, 1064a31.

motor imóvel. Em *Física* VIII, sobretudo, Aristóteles desenvolve argumentos favoráveis à necessidade de um primeiro motor imóvel como princípio de movimento. E tais argumentos são, como sabemos, relevantes para a argumentação que acontece na segunda metade do livro  $\Lambda$  da *Metafísica*.<sup>19</sup> Em *Metafísica*  $\Lambda$ , no entanto, os argumentos da *Física* não são reexpostos com muitos detalhes ou extensão, apenas pressupostos para o objetivo aristotélico. Se o que sugiro estiver correto, isso pode indicar que Aristóteles não tivesse a necessidade de reapresentar em detalhes os argumentos da *Física* no livro  $\Lambda$  da *Metafísica* justamente pelo fato de tais obras considerarem o primeiro motor imóvel a partir de perspectivas distintas. Na medida em que a física trata do ser enquanto dotado de movimento, isso não exclui a possibilidade de um primeiro motor imóvel ser considerado por essa disciplina no que diz respeito à sua relevância na explicação do movimento. Na medida, porém, em que o primeiro motor imóvel é considerado a partir de suas características essenciais, de sua natureza pensante, e de como, sendo imóvel, ele pode mover – discussões de fato realizadas em *Metafísica*  $\Lambda$  –, seu estudo cai sob âmbito da filosofia primeira.

## A ciência universal porque primeira

Voltemos agora ao trecho final de *Metafísica* E1 para abordar alguns dos elementos cuja discussão fora adiada nas primeiras seções deste artigo. Como mencionado, o final do capítulo de E1 parece apresentar a solução aristotélica para a dificuldade sobre se a filosofia primeira é universal ou se ela lida com um gênero em particular. Observei que o texto de E1 começa por caracterizar uma ciência do ser enquanto ser nos mesmos moldes do texto do livro  $\Gamma$ , mas a discussão toma o rumo da divisão entre as filosofias teóricas consideradas departamentais. Nesse ponto, a ciência universal do início de E1 parece confundir-se com a ciência denominada “filosofia primeira”. No entanto, Aristóteles está ciente da dificuldade que seu texto pode apresentar. No trecho entre 1026a23-32, é levantada

---

<sup>19</sup> Para comentários, ver Ross (1997) e Judson (2019).

justamente a questão sobre se a filosofia primeira é universal ou departamental. A resposta de Aristóteles é apresentada nesse mesmo trecho. Reproduzo novamente, abaixo, o trecho em sua totalidade:

Alguém poderia levantar a dificuldade sobre se a filosofia primeira é universal ou é a respeito de um gênero, isto é, alguma natureza única (pois não há um mesmo modo nem nas matemáticas, mas geometria e astronomia são a respeito de uma natureza, a [matemática] universal, por outro lado, é comum a todas). Pois bem, se não houver uma outra substância além das que se constituem por natureza, a física será ciência primeira; se, no entanto, houver uma substância imóvel, esta será anterior e [a ciência que dela se ocupa] será filosofia primeira, e universal desta forma, porque primeira; e caberá a ela teorizar a respeito do ser enquanto ser, tanto o que é quanto as coisas atribuídas a ele enquanto ser. (*Metaph.* E1, 1026a23-32)

O ponto central da resposta aristotélica é a afirmação de que, havendo uma substância imóvel, tal substância será anterior e a ciência que dela se ocupa será filosofia primeira, de modo que ela será universal por ser primeira, além de caber a ela considerar o ser enquanto ser. O trecho apresenta, no entanto, outro elemento que considero importante, a saber, o contraponto da filosofia primeira com a matemática universal. No que segue, tentarei discorrer sobre esses elementos e sobre a perspectiva aristotélica a respeito dessa filosofia primeira.

Para Stephen Menn, o sentido da expressão “filosofia primeira” provém do seu contraste com as outras partes da filosofia, especialmente com a física. Isso seria justificado com base no trecho 1026a27-29 de *Metafísica* E1, no qual Aristóteles afirma que, caso não haja uma substância além daquelas que são constituídas por natureza, a física seria a ciência primeira. No entanto, Menn considera que, caso não haja uma substância imóvel, também não haveria necessidade de um título como “filosofia primeira”. Essa afirmação parece decorrer da concepção que o autor tem sobre a filosofia primeira. Menn observa que o uso da expressão “filosofia primeira” ou “ciência primeira”, com exceção do texto de E1, diz

respeito unicamente à disciplina que tem como objeto as substâncias que são separadas e imóveis, e que o texto de E1 é o primeiro lugar na *Metafísica* em que a expressão “filosofia primeira” é tematizada. Para Menn, caso tais substâncias imóveis não existam, ainda que a física venha a ser, em teoria, a ciência primeira, o título “filosofia primeira” não seria mais necessário.

Não sei se compreendo perfeitamente a posição de Menn sobre o ponto. Acredito que suas considerações decorram da afirmação aristotélica de que a mais valiosa filosofia deve tratar do gênero mais valioso (cf. 1026a21-22), e que é por tratar das coisas mais valiosas, as substâncias imóveis, que a filosofia primeira merece tal título. No entanto, disso não parece se seguir que a não existência desse gênero de substâncias imóveis torne dispensável o título de “filosofia primeira”. Pelo contrário, o texto aristotélico (cf. 1026a27-29) é bastante explícito em considerar que, caso a substância imóvel não exista, a física será a ciência primeira (πρώτη ἐπιστήμη). Além disso, no contexto de *Metafísica* E1, os termos “ciência” e “filosofia” são usados como sinônimos, de modo que Aristóteles se refere à física tanto como uma ciência (1025b18-19) quanto como uma filosofia teórica (1026a18-19). Ademais, o texto de *Metafísica* Γ2 (1004a2-4) também estabelece que a filosofia possui partes e que, dentre elas, uma deve ser primeira, outra, segunda, e assim por diante. É também interessante observar que Mansion (2009) considera que a ordem de classificação das ciências aristotélicas provém do nível de ser ou substancialidade dos objetos de estudo de cada ciência. Assim, por se ocupar da realidade mais elevada e perfeita, a filosofia teológica seria primeira em relação às demais filosofias. A física ficaria com a segunda posição por tratar de substâncias de um tipo limitado, enquanto a matemática ocuparia o último lugar porque, para Aristóteles, os objetos matemáticos não são substâncias. Menn parece seguir essa mesma interpretação. No entanto, caso isso esteja correto, a não existência do gênero de substâncias imóveis faria com que as substâncias por excelência fossem as substâncias naturais, de modo que o título “filosofia primeira” fosse, ainda, perfeitamente aplicável a uma ciência como a física.

Seja como for, um ponto relevante é compreender como se dá a relação de anterioridade e posterioridade entre as ciências ou disciplinas em questão. A explicação de Menn, neste ponto, parece-me promissora. No trecho final de E1, Aristóteles menciona o caso das disciplinas matemáticas. Menn comenta que a anterioridade da geometria em relação à astronomia, por exemplo, deve-se ao fato de a geometria, que explica a verdade de proposições relacionadas a coisas astronômicas, tratar de coisas geométricas que são anteriores. O caso da matemática universal, por outro lado, seria diferente. A matemática universal seria anterior à geometria e à astronomia, bem como explicaria a verdade de proposições que dizem respeito a coisas de tais domínios não por ter um domínio próprio de objetos, mas sim por demonstrar aquelas proposições universais que são aplicadas a todas as espécies de quantidades, como, por exemplo, comprimentos e velocidades.

Creio que essa interpretação sugira um caráter de segunda ordem para o que Aristóteles considera como matemática universal. De acordo com Ross (1997, I, p. 356), Bonitz teria entendido que a matemática universal fosse a aritmética. No entanto, como mostra o texto de *Metafísica* A2 (982a28), a aritmética seria uma ciência departamental como a geometria, ainda que mais exata que esta última. Para Ross, disciplinas como astronomia, geometria e aritmética tratariam de tipos particulares de quantidades, ao passo que a matemática universal trataria da quantidade em geral.<sup>20</sup>

Menn (Iy1, p. 13-14) observa que a maneira mais natural de ler o trecho final de *Metafísica* E1 (1026a23-32) seria tomá-lo à luz de  $\Gamma$ 2 (1004a2-9), isto é, entender que a ciência primeira deve ser análoga à matemática universal, de modo que ela seja anterior às ciências departamentais e não possua um gênero ou domínio próprio de objetos que seriam investigados. Essa leitura, no entanto, não seria a mais adequada, visto que a resposta aristotélica à questão de se a filosofia primeira é universal ou se ela lida com um gênero em

---

<sup>20</sup> Cf. *Metaph.* K4, 1061b19. Para trechos nos quais Aristóteles parece ter em mente uma ciência de maior amplitude que a aritmética e a geometria, ver *Metaph.* M2 (1077a9-12), M3 (1077b17-20) e *Apo.* I5 (74a17-25).

particular é a de que a filosofia primeira é universal de um modo peculiar, a saber, por que é primeira (1026a30-31: καθόλου οὕτως ὅτι πρώτη). Ou seja, dado que tal disciplina trata daqueles princípios que são causas para todas as coisas, o metafísico (ou filósofo primeiro) terá conhecimento científico do ser e dos seus atributos universais na medida em que os rastreia até esses princípios primeiros como suas causas.

Assim como Menn, também entendo que o trecho final de E1 não deva ser lido à luz de Γ2. Creio, no entanto, que seja possível ir além de sua interpretação. Cabe destacar que não é claro, no texto aristotélico, o que se pretende ao introduzir o caso da matemática universal em relação às matemáticas departamentais como a geometria e a astronomia. À primeira vista, no texto de E1, Aristóteles identifica o objeto da filosofia primeira com as coisas separadas e imóveis (1026a16), com o gênero mais valioso (1026a21), e com a substância imóvel (1026a29-30). Se o objeto da filosofia primeira estiver restrito a tais coisas, Aristóteles parece sugerir que a filosofia primeira é uma ciência departamental, semelhantemente ao caso da geometria e da astronomia.

No contexto de E1, a filosofia primeira é apresentada em comparação com a física e a matemática. A partir disso, poderíamos questionar se a introdução do caso da matemática universal, ao final do capítulo, teria o objetivo de explicar que, assim como a matemática universal está para a astronomia e a geometria, a filosofia primeira também estaria para a física e a matemática. Se sim, não é claro como exatamente isso seria equivalente em ambos os casos; se não, qual seria o propósito com a introdução do exemplo da matemática universal?

Cumprе observar que o caso da matemática universal entra no trecho de E1 a partir de uma dificuldade ou possível objeção à posição aristotélica. É plausível assumir que o objetivo de Aristóteles seja explicar que o caso da filosofia primeira não é como o caso da matemática universal; ou seja, enquanto a universalidade da matemática universal deriva do fato de tal disciplina não ter um domínio próprio de objetos, mas sim do fato de a disciplina

demonstrar as proposições universais de domínios que dizem respeito, por exemplo, à geometria e à astronomia, a universalidade da filosofia primeira, que parece ter um domínio próprio de objetos, deriva do fato de que essa disciplina tem em seu domínio de estudo a substância eterna, imóvel e separada, que é anterior a – e da qual dependem – todos os demais entes.

Isso não parece restringir o escopo da filosofia primeira à substância imóvel ou às coisas separadas e imóveis, como os textos de Λ1 e E1 podem sugerir. Antes disso, a filosofia primeira tem em seu escopo, ainda, axiomas como o princípio de não-contradição,<sup>21</sup> bem como o estudo do ser enquanto ser, o que é explicitamente sugerido por Aristóteles ao final de E1 ao afirmar que a mesma ciência que se ocupa da substância imóvel deve também considerar o ser enquanto ser (*cf.* 1026a31-32). Tais considerações sugerem, assim, uma concepção de filosofia primeira que não se limita ao estudo da substância imóvel, mas que, pelas implicações analisadas nas seções anteriores, e devido à existência de um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel, consideraria, em certo sentido, todos os tipos de substância – isto é, na medida em que as considera enquanto seres.

Por fim, a existência de um princípio comum às substâncias sensíveis e à imóvel indica que esse princípio é mais básico do que os princípios da natureza física, o que evidencia o caráter fundamental de tal princípio. Nesse sentido, esse princípio cobre todas as coisas que são (o que inclui seres móveis e seres imóveis), de modo que, na medida em que as substâncias sensíveis dependem de e levam a esse princípio que é a substância imóvel, eterna e separada, elas (as substâncias sensíveis) também caem sob o escopo daquela ciência que é mais fundamental e que trata da substância imóvel. Em outras palavras, dado que as substâncias naturais possuem uma relação de dependência com um princípio mais básico e fundamental que é comum a todas as substâncias, instaura-se,

---

<sup>21</sup> *Cf. Metaph. Γ3, 1005a19-b11.*

devido à existência de tal princípio, uma ciência que é universal porque primeira.

## Considerações finais

Considereei que o modo como interpretamos as implicações de dois condicionais de *Metafísica* E1 e de um condicional de  $\Lambda 1$  poderia gerar uma tensão entre esses textos no que diz respeito à natureza da filosofia primeira aristotélica e seu objeto de estudo. A não confirmação do antecedente do condicional de  $\Lambda 1$ , sobretudo, poderia indicar, em certa leitura, que física e filosofia primeira não seriam separadas enquanto ciências distintas. Observei, no entanto, que essa tensão não se instaura se não restringirmos os objetos da filosofia primeira à substância imóvel ou às coisas separadas e imóveis, como o texto de E1 poderia sugerir, mas se entendermos que também as substâncias sensíveis podem cair sob o escopo da filosofia primeira. Para isso, sugeri uma diferenciação no modo como as substâncias sensíveis podem ser consideradas. Quando consideradas enquanto dotadas de movimento, as substâncias sensíveis caem sob o escopo da física ou filosofia segunda; quando, porém, consideradas enquanto seres, as substâncias sensíveis caem sob o escopo da filosofia primeira ou teológica.

Tal perspectiva pode mostrar como física e filosofia primeira permanecem ciências separadas e distintas, bem como a substância imóvel continuaria sendo, por excelência, objeto da filosofia primeira. Além disso, as considerações aqui apresentadas podem abrir caminho para uma concepção de filosofia primeira que, devido à natureza de seu objeto de estudo, atravessa domínios entre diferentes disciplinas. Assim, não apenas a substância imóvel estaria sob o domínio de tal ciência, mas também não se exclui a possibilidade de que tal disciplina considere, sob determinado aspecto, as substâncias sensíveis, bem como aqueles axiomas que igualmente atravessam domínios e que são pressupostos por diferentes disciplinas.



Desse ponto de vista, pode-se entender por que a substância sensível é considerada por Aristóteles tanto na *Física* quanto na *Metafísica*. Ainda que a análise realizada nos primeiros capítulos do livro Λ da *Metafísica* seja muito próxima da análise realizada na *Física*, por exemplo, não parece adequado delimitar que na primeira metade do livro Λ Aristóteles estivesse fazendo física ou ciência natural, ao passo que na segunda metade ele estivesse fazendo filosofia primeira. O que dizer, então, do que acontece nos livros centrais da *Metafísica*, como Z e H? Na verdade, apenas uma pequena parte da *Metafísica* é de fato dedicada ao estudo da substância imóvel, eterna e separada.

A distinção aqui introduzida parece dar conta de explicar, assim, que Aristóteles poderia ter em mente uma concepção de filosofia primeira que atravessa domínios e que pode considerar, de certo modo, todos os tipos de substância enunciados em *Metafísica* Λ1 – ou, melhor, a substância em geral. Com efeito, o próprio livro Λ começa por anunciar que a investigação que será levada a cabo diz respeito à substância, sendo esta apenas posteriormente distinguida em três tipos. Ao considerar que as substâncias sensíveis dependem de um princípio mais básico e fundamental, um princípio que é comum às substâncias sensíveis e à não sensível, Aristóteles parece estabelecer a anterioridade desse princípio que será objeto de uma ciência cuja universalidade se deve à própria natureza da substância imóvel e imaterial, uma ciência universal porque primeira.

## Disponibilidade de Dados

Não aplicável.

## Bibliografia

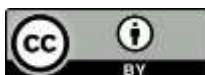
BARNES, J. (ed.) (1984). *The Complete Works of Aristotle*. 2 vols. New Jersey, Princeton University Press.

BEKKER, I. (ed.) (1831). *ΤΩΝ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ*. Berlin, Georg Reimer.

- BERTI, E. (2017). Aristotele. *Metafisica*. Bari, Laterza.
- BERTI, E. (2012). *Estrutura e significado da Metafísica de Aristóteles*. (Tradução de José Bortolini). São Paulo, Paulus.
- BONITZ, H. (ed.) (1848). *Aristotelis Metaphysica recognovit et enarravit*. Vol. 1. Bonn, Marcus.
- CHRIST, W. (ed.) (1906). *Aristotelis Metaphysica*. Leipzig, Teubner.
- DÉCARIE, V. (1985). La Physique porte-t-elle sur des « non-séparé » ? In: AUBENQUE, P.; BRUNSCHWIG, J.; DÉCARIE, V.; DE MURALT, A.; MANSION, A.; MOREAU, J. *Études Aristotéliennes : Métaphysique et Théologie*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, p. 7-9.
- FREDE, M. (2000). Metaphysics  $\Lambda$ 1. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda: Symposium Aristotelicum*. Oxford, Clarendon Press, p. 53-80.
- JAEGER, W. (ed.) (1957). *Aristotelis Metaphysica*. Oxford, Clarendon Press.
- JUDSON, L. (2019). Aristotle. *Metaphysics: Book  $\Lambda$* . Oxford, Clarendon Press.
- KIRWAN, C. (1993). Aristotle. *Metaphysics: Books  $\Gamma$ ,  $\Delta$ , and E*. Oxford, Clarendon Press. (1ed. 1971)
- MANSION, A. (2009). Filosofia primeira, filosofia segunda e metafísica em Aristóteles. In: ZINGANO, M. (org.). *Sobre a Metafísica de Aristóteles: Textos selecionados*. São Paulo, Odysseus Editora, p. 123-176.
- ROSS, W. D. (ed.) (1997). *Aristotle's Metaphysics: A revised text with introduction and commentary*. 2 vols. Oxford, Clarendon Press. (1ed. 1924)
- STOLL, R. E. (2022). Nota sobre a conjectura de Schwegler em *Metafísica* E1, 1026a14. *Hypnos*, São Paulo, v. 48, 1º sem., p. 79-91.
- ZINGANO, M. (2013). As categorias de Aristóteles e a doutrina dos traços do ser. *DoisPontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 10, n. 2, p. 225-254.

Editores: Beatriz de Paoli & Eduardo Wolf

Submetido em 16/10/2024 e aprovado para publicação em 04/10/2025



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

---

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.

---